

**A Cidade Sobre o Monte: mídia e discurso evangélico em
“tempos de perdição”**

José Cardoso Ferrão Neto¹

A cena é a de uma mesa oval cercada de políticos, suas gravatas, pastas e copos-d'água. Trata-se da abertura de uma reunião de gabinete do presidente norte-americano Donald Trump. A gravação começa quando o líder pede a um dos assessores que faça uma oração, inaugurando os trabalhos. Enquanto o Secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano, Ben Carson, dirige a prece, todos se mantêm de olhos fechados e vão, junto com o orador, louvando a Deus pela liberdade concedida ao povo americano, e pedindo que esse povo reconheça que “tem uma nação digna de ser salva”. O político do Partido Republicano não descansa na oração, e a câmera se volta ao presidente que, de mãos postas e olhos igualmente cerrados, acompanha o que é dito em favor dele e do país que ora comanda. “Nestes tempos de discórdia, desconfiança e desonestidade”, continua a prece, “pedimos que nos conceda o espírito da gratidão, compaixão e bom senso. E nos dê a sabedoria para sermos capazes de conduzir esta grande nação e o futuro que pedimos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Ao que todos dizem: “Amém!”.

Não há nada de especial no vídeo. Nem Trump está mais simpático, apesar de sugerir de maneira jocosa que seus “assessores devam estar precisando mais de oração do que o próprio presidente”, nem o clima é de festa ou de preparação para a guerra. Nada de novo ou de espetacular sob o sol. Mas a gravação, legendada em português e que foi encaminhada

¹ José Cardoso Ferrão Neto é Professor Adjunto do Departamento de Letras e Comunicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Graduado, mestre e doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, estuda as interseções entre mídia, narrativa, literatura e história cultural. É cristão ecumênico e membro da IECLB.

como mensagem para um grupo de Whatsapp, veio acompanhada do seguinte recado posto por um brasileiro, em forma de texto: “Início de reunião de gabinete nos EUA. Talvez isto explique um pouquinho por que eles são o que são e nós vivemos esta tragédia duradoura. (...) Espalhem esta mensagem. Talvez ative algumas pessoas a repensar, afinal, é ano de eleição aqui!”

Cerca de dois meses depois de circulado o vídeo do gabinete de Trump no aplicativo de mensagem digital, agora é a vez de os telejornais brasileiros de maior audiência, junto com milhares de *timelines* do Facebook, de se ocuparem de outra reunião política. O cenário, desta vez, não é a Casa Branca, mas o Palácio da Cidade do Rio de Janeiro, e o encontro, segundo o jornal O Globo, recebeu o nome de “Café da Comunhão”. Numa gravação disponibilizada pelo periódico em sua página na internet, o prefeito Marcelo Crivella anuncia a um grupo de pastores reunidos secretamente na sede do governo municipal alguns privilégios, como cirurgia de catarata para os fiéis, quebra-molas e sinalização para as áreas onde se localizam as igrejas, além de alertar os líderes presentes de que igreja não paga IPTU. A revelação causou desconforto e revolta entre leitores e internautas, que encheram as redes sociais de textões, *memes*, palavras de ordem e comentários sobre a ilegalidade da ação política e a afronta à laicidade da coisa pública.

Mas, embora não tivessem ocupado o centro das discussões, outras palavras ditas por Crivella na referida gravação são antológicas e reveladoras de um etos evangélico² militante,

² Embora o termo abrigue mais complexidades do que seu uso pelo senso comum, considera-se *evangélico*, aqui, o grupo formado predominantemente por cristãos protestantes brasileiros, que assim se identificam e se reconhecem, e que professam, entre outras crenças, a salvação exclusivamente pela fé e têm nas Escrituras Sagradas a única fonte de regra e prática espirituais. Estão agrupados, localmente, tanto nas

conservador e proselitista, que também ocupa espaço tanto na chamada grande mídia - em veículos e canais possuídos (sic) por igrejas, da televisão hegemônica às inúmeras emissoras de rádio espalhadas pelo país - quanto em geografias discursivas mais alternativas e acessíveis: os pergaminhos digitais do Whatsapp e as *timelines* do Facebook. O prefeito-pastor-missionário, com anos de púlpito no currículo e uma retórica invejável, discursa com voz mansa, porém firme, como se anunciasse, em tom messiânico, o cumprimento de uma profecia: “Eu fui eleito para cuidar daquele que estava nu, que não foi vestido. Que tinha fome e não deram de comer. Que estava preso e enfermo e não foi visitado”.³ A argumentação é tão forte, que recupera o texto bíblico das admoestações do Cristo em Mateus 25, ao mesmo tempo que redime a figura do alcaide e seu trabalho administrativo-pastoral de um possível rechaçamento, que, segundo o Evangelho, estaria reservado aos chamados falsos profetas. Crivella, ao contrário dos que estiverem “à esquerda” na triagem final, salvar-se-á, porque, pelo menos na Cidade Nova - não a Jerusalém celestial, mas aquela no fim da Avenida Presidente Vargas - é finalmente chegado o Reino:

É diferente o nosso espírito. É diferente a nossa maneira de pensar. E o Brasil precisa conhecer isso (...) Nós temos que mudar esse país (...) É um sacrifício grande a gente estar na política. Mas nós não podemos fugir. Nós não podemos nos agachar, recuar. Porque só o povo evangélico pode mudar esse país. Entre nós não há corrupção. A gente recebe o dinheiro do povo e a gente faz a casa de Deus (...) Só nós podemos dar jeito nesse Brasil.⁴

chamadas igrejas históricas quanto nas pentecostais e neopentecostais, ou ainda sem vínculo com qualquer denominação religiosa. Para mais informações, cf. PEREIRA, João Batista (org.). *Religiosidade no Brasil*. S. Paulo: Edusp, 2012.

³ O GLOBO. Crivella oferece privilégios a líderes religiosos em agenda secreta. oglobo.globo.com. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/audio-crivella-oferece-privilegios-lideres-religiosos-em-agenda-secreta-22857770>. Acesso em 20 jul. 2018.

⁴ *id. ibid.*

As palavras de Crivella não são novidade. Têm sido gestadas há décadas nos templos e salões de igrejas protestantes históricas, pentecostais e, mais recentemente, neopentecostais, que se consideravam periféricas num Brasil majoritariamente católico. Munidos da Lei e empoderados pelas promessas da Palavra, ainda que poucos diante da imensidão do rebanho do Bispo de Roma, eram como grãos de mostarda e pequenas porções de fermento que apenas precisavam crescer para, então, levedar o tecido social, cercar as fortalezas do mal, tocar as trombetas e fazer cair os muros da idolatria, corrupção, indolência, lascívia e tantos outros pecados e entraves historicamente atribuídos ao estilo barroco de colonização⁵. Ao contrário dos irmãos góticos norte-americanos, que tiveram a ventura de já nascerem com o compromisso de fundar o Novo Israel e se estabelecerem como “the City Upon a Hill”⁶, aqui a desgraça abateu a terra com a máquina de exploração ibérica católica e todo seu aparato político, religioso e cultural⁷.

Mas o Brasil nunca foi um caso perdido para muitos evangélicos. A herança lusitana poderia ser revertida se os arautos do Reino, devidamente posicionados pelas esferas da vida material e simbólica, se levantassem e fizessem valer a Palavra, a Lei, o código de conduta, a fonte de regra e prática

⁵ Darcy Ribeiro é quem define os estilos barroco e gótico de colonização das Américas. In: RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. S. Paulo: Cia. das Letras, 2006.

⁶ A frase, retirada do Sermão do Monte em Mt. 5:14, foi reapropriada pelo puritano John Winthrop no sermão “A model of Christian Charity”, proferido em 1630 aos passageiros do *Arbella*, talvez antes do embarque para o Novo Mundo ou mesmo em alto-mar. O discurso tem tom admoestador e convoca os crentes a servirem de exemplo ao mundo, responsabilizando-os tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso do empreendimento cristão que seria a fundação da Massachusetts Bay Colony. In: BAYM, Nina (ed.). **The Northon Antology of American Literature**. New York: W.W. Norton & Company, 2008.

⁷ O historiador Leandro Karnal é um dos que contestam o que chama de “explicação simplista” de *colônia de povoamento* e *colônia de exploração*, referindo-se aos empreendimentos norte-americano e ibérico, respectivamente, como fundamentação para o porquê de os EUA terem “dado certo” e o Brasil, não. V. KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: a formação da nação**. S. Paulo: Contexto, 2016.

trazida pelos missionários estrangeiros, que tinha mudado tantas vidas. Por muito tempo apartados da política, foram, aos poucos, sentindo a necessidade imperiosa (ou o chamado?) de “por a mão no arado e não olhar pra trás”. Num país oralizado por excelência, alfabetizaram-se na mídia impressa, tornaram-se leitores de primeira ou segunda grandeza, organizaram-se em grupos e saraus em torno da Bíblia, a exemplo dos puritanos da Nova Inglaterra, e, o que é mais importante do ponto de vista do efeito dos *media*, transformaram-se em indivíduos ao se apropriarem da escrita e assumirem, de vez, o tal sacerdócio universal dos crentes, investidos dos ditames reformistas e da certeza de poder viver sua crença onde quisessem, prerrogativa das religiões do Livro.

Tudo isso sob uma base oral que histórica e culturalmente urdiu o tecido social brasileiro. A Palavra escrita também vinha pelo pregar e o ouvir, pela *vocalidade* do intérprete que transformava o texto em *performance*⁸, pelo gesto dos oradores, pela explicação didatizada dos professores das escolas dominicais, pelas gincanas bíblicas que colocavam a escrita na memória, pelos cultos nos lares e, claro, pelos hinos cantados e repetidos todo domingo, muitos deles em ritmo de marcha, que narravam a história sagrada e conclamavam os crentes para avançar na militância e pregar o Evangelho a toda criatura. Quando o país ingressa na modernidade e, logo em seguida, as primeiras igrejas pentecostais fincam o pé e elevam as mãos por aqui, o evangélico histórico e o novo convertido se deparam com outra forma do culto, em que o movimento corporal e a *tactilidade*⁹ nas formas de adoração e louvor

⁸ Sobre os conceitos de *vocalidade*, *intérprete* e *performance*, v. ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. S. Paulo: Cia. das Letras, 1993.

⁹ *Tactilidade* é um conceito utilizado por Marshall McLuhan para expressar “não apenas o sentido do tato, mas para descrever a qualidade de um meio de comunicação de requerer um alto grau de envolvimento de um ou mais dos outros sentidos”. In: GLOSSARY OF McLuhan TERMS AND CONCEPTS. Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology,

passam a dar o tom. A ênfase na ação direta do Espírito Santo, em contraposição à minuciosa, lenta e sofrida exegese bíblica, leva a um tipo de processamento da informação e da comunicação com o sagrado em que o tempo presente e constantemente presentificado é o que importa: mais do que algo trazido do passado e atualizado no momento da reunião dos crentes, a revelação desta vez se produz no aqui e agora, na dependência do Espírito que sopra onde e, principalmente, *quando* quer. Coincidentemente, enquanto o rádio fazia a notícia e o entretenimento coincidirem o instante da transmissão com o momento da recepção, ou seja, inaugurava o tempo real na história dos meios de comunicação de massa, os cultos pentecostais passaram a trazer a Palavra, a cura e o *feedback* no ritmo do imediatismo e da instantaneidade dos meios elétricos.

O que o neopentecostismo pós-1970 fez foi estender ainda mais, no sentido mcluhaniano, o intercâmbio entre igreja e mídia elétrico-eletrônica de massa¹⁰. Uma vez que, no Brasil, a palavra escrita dos jornais, revistas e livros nunca alcançou tal status, apesar de compor a burocracia estatal, reger o dia a dia dos cidadãos e atravessar as práticas comunicacionais, é a oralidade permanente das plataformas radiofônica e televisiva que atrai o grande público e atíça as sociabilidades em nosso país. Enquanto resistirmos a esse dado histórico-cultural-midiático, permaneceremos narcotizados pela incompreensão dos fenômenos sociais, políticos e religiosos, entre outros, que dependem das práticas comunicacionais para produzir, estocar e colocar em circulação os discursos moldados na palavra, nos gestos e nas imagens que dão sentido à experiência humana.

University of Toronto. Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/mcluhan/marshal.htm>>. Acesso em 09 dezembro 2009.

¹⁰ Para McLuhan, a ideia de extensão tem vários aspectos. Aqui, particularmente, trata-se de um aumento de potencialidade midiático-discursiva, alcance e efeito sobre a audiência.

Seropédica, Baixada Fluminense. Na entrada da cidade, um outdoor impresso com letras garrafais parece mirar para os céus e clamar ao Dono da Criação: “Senhor Deus, o Brasil é seu. Tome posse”. A poucos quilômetros dali, à beira da Rodovia Presidente Dutra, uma placa com as palavras “Bem-vindo a Nova Iguaçu. Essa cidade pertence ao Senhor Jesus” recepciona os visitantes. Na Zona Norte do Rio, no piso de um dos acessos à estação de metrô Uruguai, evangélicos picharam a seguinte inscrição: “Geração Jesus Cristo. Bíblia SIM. Constituição NÃO...”.

A retórica religiosa sempre encontrou uma plataforma em que pudesse imprimir “a mensagem da Cruz”: do hino *revival* de Gorge Bennard, composto em 1912 e até hoje entoado em 99% das igrejas evangélicas, aos megafones dos pregadores de rua; dos folhetos distribuídos em cruzadas evangelísticas aos jornais empurrados das portas das igrejas aos transeuntes na calçada; das transmissões em *streaming* dos cultos aos *posts* das mídias sociais e mensagens dos aplicativos de conversa. Os evangélicos, principalmente os “avivados”, cresceram em número e em posse de bens materiais e simbólicos, que lhes permitiram o acesso a estações de rádio, canais de televisão, editoras, agências de publicidades e outros meios de produção da informação/expressão. Por muito tempo, pareciam habitar o lençol freático da espiritualidade brasileira, na condição de minoria cristã num país esmagadoramente católico. Assistiram ao crescimento e à derrocada da economia em várias fases da história do país, compactuaram com a ditadura militar e, em círculos mais progressistas e reduzidos, também resistiram e lutaram contra sua mensagem de morte. Imprimiram a si mesmos e à sua prole uma ética calcada na diferença e no exemplo de moralidade, na herança ascética, na abstinência do prazer e no progresso na escala social.

Só lhes faltava “tomar posse” do terreno público, para efetivarem as conquistas há muito experimentadas no domínio do privado: no contexto da igreja, da família e, algumas vezes, do trabalho. Nos Estados Unidos, de tradição protestante, uma religião civil¹¹ havia dado conta de espalhar os tais *American values* que se tornaram pilares de uma Nação herdeira do ideal puritano: a ênfase na iniciativa e esforço individuais, no ideal da oportunidade igual para todos, no progresso e na mudança contínuos tanto do cidadão quanto do país; uma ética do trabalho que confere reconhecimento e poder e o subsequente desprezo pela ociosidade, considerada como uma ameaça à sociedade; o encorajamento à natureza agressiva e competitiva; a filantropia e o voluntariado como propulsores da igualdade e, ainda, uma cultura pragmática, orientada para a ação e a conquista¹², dentre outros. A Cidade Sobre o Monte do hemisfério norte, investida da missão divina de construir a democracia dentro e fora de suas fronteiras, não interessassem os meios, já estava edificada sobre os pilares da lei dos homens, que repousava, por sua vez, na Lei Divina. Daí vinha a certeza daquele povo eleito de que Deus os havia separado para uma missão no Novo Mundo, que poderia contar com Ele para vencer as adversidades do clima e do solo, a presença ímpia dos aborígenes do lugar, seus hábitos duvidosos e suas crenças satânicas. Quem sai do Egito, passa pelo deserto, sobrevive às provas e chega à Terra Prometida acaba por merecer os favores divinos e conquistar o que quiser. A narrativa do Êxodo como discurso fundador, no entendimento

¹¹ O termo *religião civil*, cunhado por Jean-Jaques Rousseau em “O Contrato Social” foi reapropriado por estudiosos da sociedade norte-americana, dentre eles Robert Bellah que, em 1967, ampliou o conceito como “um conjunto de crenças, símbolos e rituais que oferecem uma dimensão religiosa a todo o tecido da vida Americana”. Cf. EDWARDS, Jason A.; VALENZANO III, Joseph M. **The Rethoric of American Civil Religion: Symbols, Sinners, and Saints**. Lanham: Lexington Books, 2016.

¹² Veja, entre outras referências: <https://www.andrews.edu/~tidwell/bsad560/USValues.html>. Acesso em 23 jul. 2018.

de Theon Hill, é a marca registrada da religião civil americana¹³. Habitou o imaginário puritano, encorajou o profeta Joseph Smith, conclamou os valentes à conquista do Oeste e, não por menos, povoou o desejo negro de liberdade. Cada um, a seu modo, soube usá-la para justificar tanto sua ação quanto seu padecimento históricos; uma hora, o Egito era a Inglaterra e a Europa da perseguição religiosa; em outro momento, o cativo se deslocava para o Sul escravocrata dos Estados Confederados, quando, nas letras dos *negro spirituals*, o Jordão era o Mississipi. E, assim, se formou a Nação dos *winner*s e *loser*s, da democracia a todo custo, da defesa ferrenha da liberdade de expressão, do milagre americano, do segregacionismo feroz e dos *serial killers* que vêm perturbar a ordem e dos latinos que insistem em atravessar o muro, mas sem primeiro tocar as trombetas da legalidade. Uma Nação cheia de contradições históricas, sociais e culturais como qualquer outra, mas onde a palavra escrita conseguiu a proeza de nivelar as razões e paixões em códigos ora visíveis, ora sentidos, de uma construção simbólica ainda fortemente puritana.

Hoje, no Brasil, um Crivella na Prefeitura do Rio, um Dallagnol na Procuradoria da República e um Cabo Daciolo na Câmara dos Deputados em Brasília são resultado de longo investimento da comunidade evangélica nos trópicos. Enquanto amargavam uma baixa nas estatísticas, comparados aos católicos romanos e aos espíritas, os evangélicos brasileiros, no que lembramos dos anos 1980 e 1990, apontavam o dedo para as mazelas do país e achavam logo um jeito de culpar o atraso, o subdesenvolvimento, a pobreza, a violência e a confusão reinantes como um anti-espelhamento

¹³ V. Hill, Theon E. *The Exodus: The Textual Heart of American Civil Religion*. In: EDWARDS, Jason A.; VALENZANO III, Joseph M. *op.cit.*, p. 1-19.

do que se acreditava encontrar nos nossos “irmãos” norte-americanos, de onde provinha, via televangelismo e literatura traduzida, toda a referência de uma terra onde manam leite e mel. Mas, para se chegar a tanto, além da evangelização maciça, as igrejas teriam que produzir seus próprios políticos, juristas e governantes, que professassem a chamada fé evangélica e chegassem a ocupar cargos nos três poderes da República. Era a convocação de um “Brasil para Cristo”: o país precisava de mais médicos, advogados, engenheiros, professores, juízes, vereadores, prefeitos, deputados, presidente, gente para toda obra – e para uma obra só: transformar a Babilônia em Israel.

O imaginário bíblico do Êxodo, apropriado pelos norte-americanos, foi tão decisivo, que cruzou o continente com os missionários, fincou raiz nas igrejas evangélicas de um protestantismo transplantado e quase que exclusivamente norte-americano¹⁴ e ainda faz a cabeça do crente historicamente desavisado. Destes, muitos são os que hoje alardeiam sua fé nas redes sociais e nos aplicativos de conversa instantânea, tentam entender a ordem do dia e seus acontecimentos “sob a luz da Bíblia” e, de cima de sua própria “city upon a hill”, erguida num trabalho de memória atravessado por narrativas tanto alheias como comuns, enxergam longe o mundo ainda a ser conquistado pela Palavra escrita e digital, poderosa, capaz de transformar corrupção em honestidade, danação em salvação, gay em hétero, esquerdista em patriota, político em gestor, e por aí vai...

¹⁴ Segundo Antonio Gouvêa Mendonça, “o protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou com a cultura do país. Continua sendo um protestantismo norte-americano, com suas matrizes denominacionais e dependência teológica”. Cf. MENDONÇA, Antonio G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. In: PEREIRA, João Baptista Borges (org.), *op.cit.*, p.74.